



UM ESTUDO SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL REALIZADA NO TURISMO DE OBSERVAÇÃO DE BALEIAS - FRANCA, *EUBALAENA AUSTRALIS*, (BALAENIDAE, CETACEA) NO LITORAL DE SANTA CATARINA, BRASIL.

F.S. Bueloni ¹

M. Danielski ²

febueloni@yahoo.com.br1 - Universidade Federal de Santa Catarina; 2 - Instituto Baleia Franca

INTRODUÇÃO

A baleia - franca austral, *Eubalaena australis* (Desmoulins, 1822), é caracterizada por possuir em média de 13,5m a 16m, com as fêmeas sendo maiores do que os machos; possui entre 40 e 60 toneladas e distribui - se circumpolarmente entre 20^o e 55^o de latitude S, passando o inverno austral nas áreas costeiras da América do Sul, Sul da África e Oceania, e o verão austral nas águas da Antártida (IWC, 2008).

A baleia - franca do sul juntamente com a baleia - franca boreal, *Eubalaena glacialis* (Borowski, 1781), foram as espécies mais predadas pela caça baleeira. Aliada a esse fator, a grande camada de gordura corporal dessas espécies permitia uma grande flutuabilidade depois de morta, facilitando ainda mais o processo da caça.

No Brasil, a espécie, que se distribuía de Santa Catarina até pelo menos a Baía de Todos os Santos (Câmara & Palazzo, 1986), passou a sofrer com a matança maciça a partir do século XVII. Em Santa Catarina, a caça finalizou em 1973, sendo que do início da década de 80 iniciaram esforços para conservação da espécie.

A Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca (APA da Baleia Franca) é uma Unidade de Conservação estabelecida pelo Decreto s/n^o, de 14 de setembro de 2000 e foi criada com o objetivo principal de proteger a baleia - franca em sua principal área de reprodução e cria de filhotes no Brasil. Sua área se estende do sul da Ilha de Santa Catarina, no local denominado Ponta da Lagoinha (27^o25' S, 48^o30' W) à Praia do Rincão, município de Içara (28^o42' S, 49^o16' W), no Estado de Santa Catarina. Hoje a espécie encontra - se em recuperação e já se aponta um aumento populacional (Groch *et al.*, 2005).

A APA da Baleia Franca tem, dentre seus objetivos, regularizar as atividades turísticas na região, que acontecem de maneira intensa e de várias formas, inclusive com o turismo de observação (whale - watching).

As atividades turísticas com a finalidade de observação de cetáceos tiveram início no país no princípio da década de 80 do século XX no Arquipélago de Fernando de Noronha.

Elas começaram em meados dos anos 1980 para as espécies de água doce no Amazonas e em meados/final dos anos 1990 para grandes baleias como a Jubarte (*Megaptera novaeangliae*) (Borowski, 1781) e a Franca, na Bahia e em Santa Catarina, respectivamente. Essas atividades são regulamentadas pela Portaria IBAMA n^o117 de 1996, que instituiu em seu Artigo 5^o a obrigatoriedade da provisão de informações educativas quando da realização dos passeios.

Em SC, atualmente, este tipo de turismo é realizado na costa do município de Imbituba por duas operadoras, cotando com pouco mais de 1000 turistas por ano e gerando algo em torno de US165 mil (Hoyt e Iñiguez, 2008).

OBJETIVOS

O trabalho em questão teve como objetivo principal identificar e avaliar a provisão de informações educativas realizadas pelos passeios turísticos no litoral sul de Santa Catarina.

MATERIAL E MÉTODOS

As palestras informativas são dadas, geralmente, no início de cada passeio. Para observá - las, então, seis passeios foram acompanhados ao longo do segundo semestre de 2008. Os passeios acompanhados foram realizados pela empresa Turismo Vida Sol e Mar, que conta com a parceria do Instituto Baleia Franca (IBF). O IBF, uma organização não governamental sem fins lucrativos, fornece um biólogo como marca de credibilidade ao passeio, enquanto a empresa reverte 5% dos lucros para o IBF.

Os passeios partem do porto de Imbituba, SC, se dirigem até a praia de Ibiraquera, também nesse município e têm duração de aproximadamente 2h. Para a coleta de dados, utilizou - se uma metodologia baseada nos estudos de educação inspirados na etnografia pós - moderna, onde se usa os relatos de campo como material de análise (SANTOS, 2005).

Portanto, todo o passeio era relatado em uma espécie de narrativa, que após sua transcrição, foi analisada e utilizada para a construção dos resultados.

RESULTADOS

As palestras realizadas têm a duração de 10 minutos, em média, e contam com o apoio de um banner informativo. São providas informações a cerca da biologia e ecologia da espécie, bem como informações sobre a época da caça, sua atual proteção e situação. Os turistas são instruídos, também, de como se portar ao longo do passeio, para que suas atitudes causem o menor impacto possível nos animais. Entretanto, algumas vezes, o momento da palestra era também o momento de preparação para o embarque, quando os turistas estavam vestindo as capas de chuva e os coletes salva-vidas e nessas circunstâncias, ninguém prestava muita atenção no que a bióloga dizia. Era mais interessante e intrigante toda a preparação do que a informação que estava sendo dada.

Além disso a informação não é a única maneira de fornecer conhecimento. A experiência, no sentido proposto por Larrosa, de algo que nos toca e que nos faz produzir um sentido, não se passa com a informação, segundo o autor. Ao contrário, o excesso de informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência (Larrosa, 2002). Sendo assim, o processo educativo, quando se pensa numa educação que produza sentidos e significados, fica fadado ao fracasso e a educação ambiental que se propõe, se torna meramente uma transmissão de informação, que pouco altera as concepções do turista.

Mesmo assim, alguns turistas demonstram interesse em identificar o que foi dito anteriormente pela bióloga, quando do encontro com a baleia. Por exemplo, ao verificar a aproximação de um indivíduo, logo identificam se é uma mãe com um filhote, ou se é um adulto sozinho; identificam a presença das calosidades e fazem muitas questões sobre a localização e migração da espécie.

Percebe-se, então, que de certo modo, essas palestras informativas direcionam o modo de ver do turista, e direciona, assim, o processo educativo que se busca construir com aqueles indivíduos.

Por outro lado, a bióloga (“transmissora” da informação) permanece no barco durante todo o passeio, o que além de gerar uma marca de credibilidade a atividade turística, gera também um segundo momento informativo, já que as

dúvidas que surgem durante as observações podem ser esclarecidas e discutidas no instante após as observações.

Esse tipo de informação, gerada pela curiosidade e experiência do turista, pode ser muito mais valiosa do que a própria palestra regulamentada legalmente.

CONCLUSÃO

Pode-se concluir, então, que a provisão de informações conforme é realizada atualmente, acaba por direcionar a possibilidade dos turistas de viver a experiência e o encanto que o encontro com os animais pode causar. Assim, seria interessante considerar a inversão dos momentos e diluição das informações, com uma breve explicação no início do passeio a cerca dos animais que eles verão e da postura no barco, que poderia ser dada após a preparação dos turistas. E ao término do mesmo, uma palestra, dessa vez com o auxílio do banner, que ilustraria e teorizaria o que foi visto durante o passeio. Entretanto, a presença da bióloga durante o passeio continuaria sendo essencial.

Agradecemos ao IBF pelo apoio às pesquisas e pela Universidade Federal de Santa Catarina pela ajuda financeira.

REFERÊNCIAS

- Câmara, I.G. & Palazzo, J.T. **Novas informações sobre a presença de Eubalaena australis no sul do Brasil.** Actas... Primera Reunion de Trabajo de Expertos en Mamíferos Acuáticos de America del Sur. Buenos Aires, pp. 35 - 41; 1986.
- Groch, K. R., Palazzo JR., J. T.; Flores, P.A.C.; Adler, F. R.; Fabian, M. E. **Recent rapid increases in the Brazilian right whale population.** Latin American Journal of Aquatic Mammals 4(1): 41 - 47; 2005.
- Hoyt, E. & Iñiguez, M. **Estado Del Avistamento de Cetáceos en América Latina.** WDCS, Chippenham, UK; IFAW, East Falmouth, EE.UU.; e Global Ocean, Londres, 2008. 60p.
- IWC, International Whale Comition. Disponível em www.iwcoffice.org-acesso em 26 de maio de 2009.
- Larrosa, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, 19: 20 - 28, 2002.
- Santos, L. H. S. **Sobre o etnógrafo - turista e seus modos de ver.** In: Costa, M. V. & Bujes, M.I.E. (organizadoras). Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. DP&A, Rio de Janeiro, 2005.